

TRABALHAR OU NÃO – EIS A QUESTÃO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO A PARTIR DA FALA DOS TRABALHADORES DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR¹

*Manuela Salau Brasil*²

RESUMO

Este texto tem como objetivo compreender o significado do trabalho para trabalhadores empregados e desempregados da cidade de Ponta Grossa no limiar do século XXI, através de um estudo de natureza qualitativa. Tal reflexão foi motivada pelas teses que advogam o fim da sociedade do trabalho e sua substituição pela sociedade do tempo livre, em que o trabalho supostamente não seria mais uma categoria central na sociedade. Os depoimentos dos trabalhadores revelam, ao contrário, que o trabalho ainda carrega um significado que, ultrapassando a questão da renda, ainda é sinônimo de realização humana.

PALAVRAS-CHAVE

trabalho, tempo livre, desemprego

¹ Versão resumida dos capítulos I e IV da Dissertação de Mestrado “Trabalhar ou não: eis a questão - a perspectiva do trabalhador da cidade de Ponta Grossa no final do século XX, apresentada em julho de 2001 ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG.

² Mestre em Ciências Sociais Aplicadas –UEPG . Pesquisadora do Núcleo Local da Unitrabalho - UEPG e do Centro de Estudos e Pesquisas Rouger Miguel Vargas - UEPG. Professora da Faculdade União – Ponta Grossa, Paraná.

Introdução

São evidentes as transformações no mundo do trabalho na última década do século XX, que ocorreram indistintamente em países desenvolvidos ou não, embora com conseqüências mais perversas para estes últimos. Agravamento do desemprego, da precarização nas e das relações de trabalho e, em seu limite, a discussão sobre o papel do trabalho são as manifestações dessas transformações. O aumento do desemprego fez (re)surgir as teses do fim da sociedade do trabalho e sua substituição pela sociedade do tempo livre que vem sendo defendida por diversos teóricos.

Isto posto, esse artigo tem como objetivo apresentar e compreender o significado das categorias trabalho e tempo livre para os trabalhadores empregados e desempregados da cidade de Ponta Grossa no final do século XX. A partir de uma pesquisa de natureza qualitativa e de uma amostra não probabilística, entrevistou-se cinquenta e quatro trabalhadores da cidade - vinte e sete empregados e vinte e sete desempregados - no período de fevereiro a maio de 2000. Os sujeitos foram aleatoriamente escolhidos, e divididos quanto às variáveis sexo (feminino e masculino), faixa etária (até 25 anos, 26 a 45 anos e mais de 46 anos) e escolaridade (analfabeto, ensino fundamental completo e/ou incompleto, ensino médio completo e/ou incompleto e ensino superior completo e/ou incompleto).

Portanto, além desta introdução, esse artigo é composto por duas seções e pelas considerações finais. Na primeira seção será realizada uma breve apresentação dos autores que vêm discutindo a sociedade do tempo livre como substituta da sociedade do trabalho e, na segunda seção serão apresentados os resultados da pesquisa empírica, seguida pelas considerações finais.

1. O desemprego e as teses do tempo livre

O desemprego e as novas formas de trabalho sugerem que o mundo do trabalho está em crise. Para alguns teóricos trata-se na verdade de uma crise do trabalho, expressa na discussão acerca do “fim da sociedade do trabalho”, quando o trabalho deixaria (ou deixou) de ser a atividade central do ser humano. A “sociedade do trabalho” seria subs-

tituída pela “sociedade do tempo livre”. Assim, tem-se apresentada a pseudo-rivalidade entre trabalho e tempo livre ao mesmo tempo em que este é pregado como substitutivo da falta de empregos.

Participando desta tendência teórica de não centralidade do trabalho, vários autores atualmente defendem a tese de que o tempo livre deveria ocupar (ou está ocupando) o tempo e o lugar do trabalho. André Gorz, por exemplo, rompe com sua trajetória intelectual de base marxista ao apontar para o potencial emancipador do tempo livre, que anteriormente atribuía ao trabalho. Em seu livro *Adeus ao proletariado: para além do socialismo* o autor deixa claro sua nova opção teórica, aprofundada em suas obras posteriores. Para Gorz, a realidade do desemprego e do avanço tecnológico induzem à redução da jornada de trabalho: a diminuição do tempo de trabalho com fins econômicos aumentaria o trabalho autônomo e o tempo para outras atividades, constituindo a passagem da sociedade do trabalho para a sociedade do tempo livre, em que o econômico não é mais determinante.

Considerando-se as diferenças quanto ao embasamento teórico e as especificidades de cada proposta, esta tendência é apontada ainda nas obras de HABERMAS (1987), OFFE (1985), RIFKIN (1995), KURZ (1992) e DE MASI (1999).

Enquanto que para HABERMAS (1987) a crise da sociedade deve ser resolvida não mais no mundo do trabalho e sim no mundo da vida, OFFE (1985) incorpora em sua análise elementos mais consistentes para defender o fim da centralidade do trabalho e sugere um novo espaço, qual seja, o tempo ou “forma de vida”. RIFKIN (1995) apontando a tecnologia como responsável pelo desemprego indica para o terceiro setor, ou, “uma terceira força forte, baseada na vida comunitária”. KURZ (1992) defende que o fim do trabalho diz respeito a sua dimensão abstrata e, sendo assim, é algo positivo e que pode resultar em uma nova sociedade fundada no trabalho desmercantilizado e nas atividades autônomas, embora não recupere a dimensão concreta do trabalho.

DE MASI (1999 p. 82-112) faz a apologia do tempo livre, embora careça de argumentos teóricos mais sólidos. Propõe uma escolha entre “um sistema assustador, assombrado pelo desemprego, e um sistema alegre, liberto do trabalho (...) de modo diferente do desemprego, que necessariamente é acompanhado pelos males da miséria e da marginalização, a libertação do trabalho admite formas de vida muito mais livres e felizes. Passam a existir uma riqueza mais bem distribuída, uma autodetermina-

ção sobre as tarefas...”.

Além destes, outros teóricos defendiam a tese da redução de jornada. LAFARGUE (1999) em seu panfleto *O Direito à preguiça* (1880), KEYNES no ano de 1930, citado por DE MASI (1999) em sua conferência *Perspectivas econômicas para os nossos netos*, e MARX nos *Grundrisse*.

Tanto Lafargue quanto Keynes propuseram três horas de trabalho por dia, embora sem desenvolver uma argumentação que especificasse em que tipo de sociedade isso seria realmente viável ou libertador, como o fez Marx.

Nos *Grundrisse*, Marx fala de uma sociedade onde a tecnologia seria liberadora e libertadora do trabalho no sentido negativo com que é revestido sob o capital. Nesta nova sociedade faz sentido falar em tempo livre, o qual, assim como o trabalho e o homem, não estaria mais dominado pelo capital. Essa sociedade imaginada por Marx aparece citada por alguns autores que fazem referências ao tempo livre defendido pelo autor, porém descontextualizando sua tese.

O desemprego e as transformações ocorridas no mundo do trabalho mostram o lado sedutor desta proposta, apresentando-a como a solução desses problemas. Propagam-se as “vantagens” do tempo livre, no sentido de substituir o trabalho que, além de estar acabando, é algo que não corresponderia ao verdadeiro sentido humano. Assim, permanecem intocadas as contradições do capital, da relação capital-trabalho, da exploração e a lógica da acumulação capitalistas, essas sim responsáveis pela crise ou pela falta de sentido do trabalho: é novamente a aparência escondendo a essência.

O contrário de trabalho não é tempo livre; ambos estão inscritos na dimensão de totalidade. A liberdade está contida tanto no tempo de trabalho quanto no tempo livre, embora esteja subordinada ao modo de produção que proporcione essas condições.

Isto posto, a propalada crise da sociedade fundada no trabalho e a sua substituição pela sociedade capitalista do tempo livre cumpre uma função ideológica de manutenção do sistema vigente. O tempo livre, per si, não garante a emancipação, ao mesmo tempo em que o trabalho não esgotou sua capacidade de libertação do homem. Na sociedade atual não há liberdade nem de trabalho nem de lazer, ócio, contemplação ou do tempo. No capitalismo nosso tempo não nos pertence, tanto trabalho quanto tempo livre estão subordinados à lógica do capital.

Na seção que segue buscou-se compreender a perspectiva do trabalhador empregado e desempregado da cidade de Ponta Grossa a respeito das categorias trabalho e tempo livre, na busca de interagir com as teorias discutidas nesta primeira seção.

2. Trabalho e tempo livre na perspectiva dos trabalhadores empregados e desempregados da cidade de Ponta Grossa

Se a tese do fim do trabalho for confirmada, com certeza terá sentidos, profundidade e conseqüências diferenciadas nas diversas sociedades. Mas se teoricamente se mostra frágil, concretamente o que pensam os trabalhadores a respeito? Diante da escolha entre trabalho e tempo livre, qual sua opção?

Tentando responder a estas questões perguntou-se o significado e a importância do trabalho para os cinquenta e quatro trabalhadores entrevistados. Para efeito de análise as respostas dessa primeira pergunta foram divididas em três grupos. O primeiro grupo indica a relação do trabalho com as questões de sobrevivência, segurança, estabilidade. O segundo grupo identifica trabalho com realização, prazer, independência, orgulho, como vida. Um terceiro grupo reúne os dois anteriores, isto é, são pessoas que explicam a importância e o significado do trabalho como sobrevivência e prazer.

O Trabalho como Meio de Sobrevivência

Os depoimentos abaixo retratam o primeiro grupo de respostas através das quais trabalho aparece como meio de sobrevivência na visão dos trabalhadores empregados e desempregados.

“pra mim é tudo, o trabalho, né, sem trabalho não tem jeito, né. Pra mim ficar parado, daí não tem como pagar água, não tem como pagar luz, não tem como fazer compra de casa, né, comprar remédio. Então, tem que trabalhar.”

“se você não trabalha, você não vai ter dinheiro, no caso se você

não tem dinheiro (...), pra sociedade você não vai ser bem visto...”

A importância do dinheiro é revelada, implícita e explicitamente, como condição de existência em uma sociedade capitalista. O trabalho em si, como condição de ser, é escondido pela necessidade do ter. MARX (1998, p. 73) afirma: “é exatamente essa forma acabada – a forma dinheiro – do mundo das mercadorias que objetivamente vela, em vez de revelar, o caráter social dos trabalhos privados e, portanto, as relações sociais entre produtores privados”.

Para os trabalhadores desempregados, a renda assume um caráter de urgência, uma vez que a sua falta tem outras implicações estendendo-se a outros aspectos da vida. A questão crucial da necessidade da renda é explicitada na fala:

“não interessa eu ficar rico, mas que a família não pereça (...) eu nasci para trabalhar”

Percebe-se que o trabalho aparece como meio de sobrevivência, e não como possibilidade de enriquecimento. Além disso, o trabalho é visto como uma realidade inexorável. Pode-se inferir que a questão da realização às vezes não é revelada devido à urgência da necessidade de sobrevivência e pelas condições que o emprego assume em nossa sociedade.

O Trabalho Como Realização Humana

No segundo grupo de respostas encontra-se o outro extremo, ou seja, o trabalho é identificado com realização pessoal, como prazer, não sendo manifestada a questão da renda. Nos relatos abaixo, o trabalho, longe de ser apresentado como algo penoso ou como simples esforço físico, é descrito como algo imanente ao homem, como alegria e como vida.

“trabalhar é uma coisa tão gratificante como...acho que ter um filho...para mim é (...) eu fico feliz, eu canto (...)”

“trabalho para mim é vida...é você deixar marcas...e como você ter um filho (...) é como você se realiza, como você se molda e deixa um caminho...”

“tudo (...) o trabalho dignifica o homem (...) quero trabalhar até quando eu tiver forças (...) o trabalho enobrece a pessoa”

A percepção de trabalho como vida é assim tratada tanto para trabalhadores empregados quanto para os trabalhadores desempregados. Registram-se algumas marcas do trabalho como criação, como “objetivação da subjetividade” do trabalhador, ou, como descreve CHAUI (1999, p. 34) na introdução da obra *O Direito da Preguiça* de LAFARGUE “o trabalho exterioriza numa obra a interioridade do criador”. Não é de outra maneira que o trabalho foi valorizado nas falas acima, sendo admitido como parte do próprio ser, comparando-se o trabalho com um filho ou com a própria vida. Trabalho não como algo que integra a vida, mas como algo que a ela pertence.

Além de traduzir dignidade, incorporando o discurso capitalista na qual dignidade é produto do trabalho, este aparece vinculado à saúde física e mental. Nos depoimentos abaixo, os dois primeiros de trabalhadores desempregados e os demais de trabalhadores empregados confirmam essa relação.

“é tudo. Uma pessoa sem trabalho não tem dignidade simplesmente (...) fica sem estímulo, se deprime, fica totalmente tenso”

“eu adoro trabalhar (...) faz bem para você, para tua cabeça (...) é a vida da gente (...) a pessoa sem trabalho fica deprimida, triste. Você quer comprar uma coisa, você não tem dinheiro (...) eu morreria sem trabalhar”

A Síntese Entre Sobrevivência e Prazer

O terceiro grupo de respostas contempla o trabalho como sobrevivência e como prazer, que aparecem tanto nas respostas dos trabalhadores empregados quanto na dos desempregados, e aproxima-se do caráter duplo do trabalho suposto por Marx.

Marx aponta para o duplo caráter que o trabalho assume no sistema capitalista. Por um lado, o trabalho concreto, representado pelo valor de uso e admitido como criação, planejamento, realização e identificação do trabalho com o trabalhador; por outro, o trabalho em sua dimensão abstrata, como valor de troca traduzindo o trabalho como mercadoria e alienação. Nas falas, observou-se que ambos as dimensões podem ser encontradas, que o trabalho concreto e abstrato está

presente na vida dos trabalhadores.

Mesmo escondido pelo caráter de exploração do capital e pelas condições materiais, o trabalho ainda guarda sua dimensão que dá sentido à vida humana. Mantém seu caráter de exploração mas preserva sua dimensão concreta. Se essa dimensão concreta pode ser visualizada nas falas, apesar da fortaleza em que se caracteriza o capital hoje, pode ser um indício que o fim do trabalho está longe.

Os relatos dos trabalhadores abaixo sintetizam as dimensões da necessidade e prazer, que juntos explicam o sentido do trabalho.

“...porque eu preciso de dinheiro e por satisfação pessoal também (...) o trabalho faz parte da tua vida...tem uma frase que diz que o trabalho dignifica o homem. Eu acho que realmente dignifica, porque a pessoa sem trabalho, ela não é nada. Talvez não seja nem tanto pelo dinheiro, é mais pela ocupação, de você estar convivendo com outras pessoas, tá dialogando diariamente, tendo novos conhecimentos”

“trabalho para mim é dignidade, é vida, quer dizer, é você estar em movimento, né, é movimentando uma série de fatores, não só na tua família, mas na comunidade, na sociedade na qual você está inserido (...) eu preciso do trabalho não só por uma questão financeira, né, pra mim não é primeiro o financeiro e depois é o pessoal. Não. São os dois que eu sei, eu quero chegar em casa e poder falar - Hoje eu tô cansado de trabalhar- sabe, é isso que eu quero. Então, assim, o trabalho pra mim é uma coisa essencial, né (...).”

Percebeu-se pelos depoimentos que o trabalho é relacionado com renda, prazer, saúde e como passaporte para a inserção em uma sociedade que dignifica o trabalho, uma sociedade que inclui pela renda e por alguns tipos de trabalho. Se o trabalho ocupa esse papel central na vida das pessoas, como se sentem aqueles a quem é negado o trabalho?

Quando perguntados sobre o significado de estar desempregado, ou de não ter respeitado seu direito ao trabalho, sentimentos como *insegurança, inutilidade, vergonha, temor pela dependência* revelam-se nas falas, além da preocupação financeira. “A vergonha expressa a consciência da introjeção de regras, costumes, hábitos” de acordo com MIAGUSKO e FERREIRA (1999, p. 21).

Para explicar como se sentem, os trabalhadores desempregados mencionam fatores relacionados à sobrevivência, dignidade, saú-

de e de relacionamento. Nas falas abaixo, misturam-se questões de caráter mais pessoal com questões materiais e objetivas. Afloram sentimentos como vergonha, inutilidade e improdutividade; problemas de saúde, conflitos pessoal e nas relações familiares e até mesmo mudanças nas expressões corporais.

“eu me sinto um lixo, sabe, o que é um lixo? Eu me sinto um lixo, nada (...) nada, eu me sinto um nada nada nada nada nada. Eu não existo...você não tem arroz pra botar na panela, nada, dá pra você imaginar? Quero fazer um buraco e me enterrar viva (...) já tive problema de depressão (...) por causa de eu não conseguir trabalho.”

“olha eu me senti, usando um xavão bem legal, assim ‘o último homem do mundo’, né, porque a primeira coisa que me preocupou foi a minha família, como é que eu vou chegar em casa e vou dizer isso? (...) a primeira coisa que me veio pela minha cabeça foi o choque de me sentir inútil, essa é a grande verdade, eu me senti inútil (...) Olha, pra mim é uma coisa muito séria, assim, uma questão de dignidade, né, eu me sinto uma pessoa inútil (...) eu tenho vergonha assim de tá desempregado. Às vezes, talvez, né, isso seja errado, sei lá, mas às vezes, não só eu, como outros desempregados que eu conheço, se sentem como um estorvo, né, parece que você é um bicho que tá parasitando na sociedade, você não produz.... eu acho que vou virar até psicólogo, né, porque, de repente, eu consigo ver quem, nas pessoas, na cidade, quem está desempregado, quem não está. São pessoas que estão de cabeça baixa. Eu também sou uma pessoa assim, cabisbaixa. Tem um problema de saúde que eu tenho, né, tendência à depressão, e fico com isso. Então, assim, a questão da minha auto-estima tá assim, completamente comprometida, assim. Então, a minha auto-estima e a minha intimidade estão comprometidas (...) eu tô tendo conflitos com a minha esposa quase que freqüentes, e é uma questão séria, porque não adianta, sem dinheiro difícil um amor que sobrevive, é difícil, porque de repente falta uma coisa, falta outra, e daquela coisinha, sempre faz um problemão”

“a pessoa não se sente bem, né. Como é que a pessoa pode se sentir bem, se tá desempregado? Não pode trazer o sustento pra família, né, pra dentro de casa, se sente nervoso, ele se sente atacado”

A auto-comparação com “lixo”, com “nada” e com “inútil” são sensações que afetam a intimidade e personalidade dessas pes-

soas, tendo conseqüências que extrapolam, embora contemplem, a falta da renda e a angústia individual. O caráter perverso do desemprego afeta e corrói outras dimensões do ser.

Ratifica-se a importância do trabalho como elemento estruturante de uma sociedade que valoriza o trabalho e marginaliza aquele que não o tem, numa demonstração de que a substituição da sociedade do trabalho pela sociedade do tempo livre não encontra respaldo nem teórico, nem da sociedade em foco.

O senso comum, alimentado pelo discurso ideológico dominante, dita que a crise é de empregos e não de trabalho. O problema é colocado numa perspectiva individualista, justificado pelo esgotamento das soluções coletivas decorrente da queda do muro de Berlim e consequentemente do fim das utopias. Fica descartada, dessa maneira, a luta pelo emprego e legitimada a tese do fim dos empregos formais.

Vale lembrar o que FORRESTER (1997, p. 11), afirma a respeito do desempregado: “... estes são os primeiros a se considerar incompatíveis com uma sociedade da qual eles são os produtos mais naturais. São levados a se considerar indignos dela, e sobretudo responsáveis pela sua própria situação, que julgam degradante [já que degradada] e até censurável. Eles se acusam daquilo que são vítimas.”

A falta de renda tem implicações em condições concretas, além de comprometer o futuro. Numa sociedade que é orientada pela hegemonia do capital, a sua falta significa por vezes a falta da própria cidadania. Isso, combinado com a política de Estado mínimo, traduz-se em ausência de serviços básicos e imprescindíveis aos cidadãos que não podem contar com o Estado e não possuem renda para recorrer aos serviços privados.

Numa tentativa de melhor apreender o trabalho e sua relação com o dinheiro, além da relação de sobrevivência, fez-se um exercício e perguntou-se sobre a possibilidade de continuar ou não trabalhando caso fosse contemplado com um bilhete milionário premiado na loteria. Os resultados podem ser observados no Quadro seguinte³.

³ Ressalta-se que nem sempre apresenta-se a totalidade das respostas, pois em algumas delas os trabalhadores entrevistados não responderam ou responderam de forma ambígua. Portanto tais depoimentos foram desconsiderados.

QUADRO 1 - OPÇÃO ENTRE TRABALHAR OU NÃO TRABALHAR CASO TIVESSE GARANTIDA A QUESTÃO FINANCEIRA (EM NÚMEROS ABSOLUTOS)

Sub-categoria	Sim ao trabalho	Não ao trabalho
Empregados	16	02
Desempregados	16	04

Esses números reforçam que o trabalho não é só meio de sobrevivência, mas algo imanente ao homem, expressão de sua subjetividade. O desejo pelo trabalho acompanha ou extrapola a preocupação financeira. Pode-se inferir novamente que o trabalho, por mais explorado que tem sido pelo capital, não deixa de representar seu sentido mais profundo e verdadeiro.

A análise da categoria trabalho permite algumas considerações e propõe reflexões. Mais do que a questão financeira, o trabalho significa dignidade, realização, prazer, vida, tanto para empregados quanto para desempregados. Esse fato ganha contornos extremamente perversos pelo fato de que o desempregado percebe dessa maneira algo que lhe é negado e que faz parte de sua individualidade. Deve-se considerar que o próprio discurso está mergulhado na sociedade capitalista e por isso reproduz sua lógica.

Como falar em fim do trabalho em uma sociedade onde este ainda é cultuado e desejado? Percebendo a apreensão de quem não o tem, e a necessidade que extrapola os limites da renda, como imaginar que longe do trabalho encontrar-se-á a verdadeira liberdade, emancipação e felicidade proposta pelos teóricos do tempo livre? Ao mesmo tempo, essa mesma liberdade e felicidade nem sempre se revelam presentes naqueles que trabalham. O problema é do trabalho ou do sistema que se apropria dele? Nas falas dos trabalhadores empregados e desempregados da cidade de Ponta Grossa, o trabalho tem um significado que transcende a necessidade da renda, embora esta seja uma preocupação real. As duas dimensões do trabalho, enquanto trabalho concreto e abstrato, podem ser identificadas nas falas, revelando a atualidade desse conceito de Marx. Apesar da intensificação da exploração e das transformações do trabalho, ele ainda é fonte de realização e ao mesmo tempo de alienação. Se, apesar do nível de exploração a que está submetido, o trabalho é percebido como algo positivo, imaginar o fim da sociedade do trabalho

significa tirar do trabalhador algo que, além de lhe garantir seu sustento, é fonte de sua realização pessoal e de sua identidade. Escondido sob a forma de obrigação, o trabalho reflete a essência humana.

A opção pelo trabalho, ou melhor, o direito ao trabalho vem sendo negado a muitos cidadãos. O trabalho assalariado que preserva direitos aos trabalhadores já foi anunciado como morto pelos teóricos que, como resposta à crise do emprego, elevam o tempo livre como seu substituto. Não se oferece emprego, mas sim tempo livre, com a proposta de que, através dele, o homem encontrará a felicidade, criatividade e liberdade negada pelo trabalho e pelo desemprego.

Em seu livro *Adeus ao proletariado: para além do socialismo* GORZ pergunta aos franceses: “Gostaria de poder viver sem ser obrigado a trabalhar?” Como resposta, 57% do conjunto da população afirmou que não, que não gostariam de viver sem a obrigatoriedade do trabalho. Com isso Gorz não intencionava enaltecer o trabalho, mas, ao contrário, propor sua distribuição a todos os trabalhadores para liberar tempo livre. Ainda assim, apesar dos diferentes propósitos, o dado apresentado por ele não invalida outra linha de argumento, contrária ao do autor. Numa outra leitura pode-se referendar a importância que o trabalho, e não o tempo livre, tem na vida das pessoas.

Sabendo e respeitando-se as diferenças entre as regiões e realidades, pode-se refletir acerca da força da categoria trabalho em plena época de “fim da sociedade do trabalho”. Apesar de ter sido estimulado ou construído com o intuito de fortalecer ou de construir os interesses do nascente capitalismo, o trabalho é desejado pela maioria dos cidadãos. A pesquisa francesa ilumina e subsidia os resultados locais, apesar das diferenças econômicas, culturais e de contexto.

No sentido de continuar demonstrando a centralidade do trabalho na vida dos entrevistados, solicitou-se que eles ordenassem as categorias trabalho, dinheiro, lazer e família em grau de prioridade. Duas ressalvas devem ser feitas: sob o termo lazer buscou-se captar ou expressar o tempo livre, embora reconhecendo que se tratam de conceitos distintos. Em segundo lugar, o conteúdo da questão dá margem a respostas que podem ter sido orientadas no sentido de valorizar o que a sociedade aceita ou até mesmo impõe. Feitas as considerações, percebe-se que os entrevistados assim consideram suas prioridades: família, trabalho, dinheiro e lazer, conforme discriminado no Quadro a seguir.

	FAMÍLIA				TRABALHO				DINHEIRO				LAZER			
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
Empregado	12	10	1	1	9	10	2	2	2	3	11	6	1	1	7	12
Desempregado	15	8	1	0	9	13	1	0	0	3	11	8	0	0	8	13

A valorização da família, em primeiro lugar, e do trabalho, em segundo, é percebido tanto pelos trabalhadores empregados quanto pelos desempregados. As duas maiores prioridades - família e trabalho - são seguidas de longe por dinheiro e lazer, não sendo observadas diferenças relevantes entre os trabalhadores empregados e desempregados.

É interessante observar que nenhum dos trabalhadores desempregados citou dinheiro ou lazer em primeiro lugar, elegendo somente família e trabalho nessa posição. Ao mesmo tempo, esses trabalhadores deram maior ênfase à família que os empregados. Isso pode ser reflexo do medo da desagregação familiar ou da iminência em vivenciá-la, posto que é um dos reflexos do desemprego, conforme visto anteriormente.

O Jornal Folha de São Paulo em seu caderno “Mais!” (RELATÓRIO..., 2000) divulgou os resultados da pesquisa nacional “O Relatório Folha da Utopia Brasileira” realizada no mês de março de 2000 com 2.831 pessoas entrevistadas em 129 municípios do país. Tal pesquisa é aqui referenciada por proporcionar reflexões para a pesquisa local. Longe de negar ou desprezar as diferenças entre as duas realidades, acolhe-se a perspectiva de que a realidade nacional reflete e é refletida pela local.

Em uma das questões que nos interessa nessa pesquisa “Qual é o seu maior sonho para o futuro do Brasil?”, ao indicar espontaneamente uma única resposta, foram citadas principalmente: fim do desemprego (11%), políticos honestos (8%), fim da violência (8%), acabar com a pobreza (6%). Outro dado da mesma pesquisa revela: “ao serem interpelados sobre o que deveria ser valorizado nos próximos anos – dinheiro, trabalho, família, religião, estudo, lazer - , este foi o menos citado pelos brasileiros”. No critério de resposta única obtiveram-se os seguintes percentuais: família (44%), trabalho (16%), estudo (24%), religião (10%), dinheiro (5%) e lazer (1%).

Apesar de se tratarem de pesquisas de naturezas distintas - a local é qualitativa e a publicada pela Folha de São Paulo apresenta-se de forma quantitativa - a ordem de prioridade é a mesma nas duas. Com exceção dos itens estudo e religião, que aparecem na pesquisa de âmbito

nacional e não na local, a ordem de prioridade é mantida: família, trabalho, dinheiro e lazer. Tais resultados indicam uma tendência de não valorização, colocado numa perspectiva de comparação com outros valores, do lazer ou tempo livre. Como então, sustentar uma tese que não encontra receptividade na sociedade, que não atende aos seus anseios, ou não faz parte do seu imaginário?

Assim como a capitalismo nascente forjou a necessidade de mão-de-obra assalariada para seu crescimento, hoje, a insuficiência da capacidade de gerar-se emprego engendra a tese do tempo livre para a manutenção do mesmo sistema?

Não é demais reforçar: trabalho e tempo livre não são contrários. São dimensões que devem se fazer presentes na realidade de cada cidadão. Ambos devem ser reivindicados, não como substitutos um do outro, mas como complementares.

Considerações finais

Esta pesquisa assume a hipótese de que a fala dos trabalhadores é socialmente construída e dessa maneira incorporada e reproduzida. De forma hegemônica expressa uma visão de mundo que nem sempre espelha suas condições, uma vez que estão a reboque da classe dominante. Relembrando MARX citado por IANNI (1980, p. 83) “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência”. Assim, seu pensamento reflete e é prisioneiro de sua condição real.

As dimensões do trabalho, de acordo com a perspectiva dos trabalhadores entrevistados, se restringem a ser fonte de sobrevivência e/ou prazer, e não de exploração. Isso pode ser explicado pela própria condição de alienação em que se encontram, ou ainda, como estratégia para continuar se submetendo às condições impostas atualmente pelo trabalho, posto que sua alternativa é o desemprego.

A possibilidade de um trabalho não alienado e não sujeito à

exploração para todos pode até fazer parte de um mundo idealizado, embora muito distante das necessidades concretas. Da mesma forma, a esperança em se conseguir emprego resiste às dificuldades do mercado de trabalho e suas exigências.

O capital necessita do trabalho para continuar a tirar dele seu lucro e sua força. O que não impede, assim como nunca impediu, que a população que não tenha lugar nessa relação de exploração seja excluída. Triste escolha, ou, o corolário da liberdade do trabalhador sob o capital: ser excluído ou explorado.

O trabalhador da cidade de Ponta Grossa vê o trabalho não só como fonte de renda, mas também fonte de realização pessoal e de reconhecimento social. Sendo assim, como propor a substituição do trabalho ou pelo recebimento de uma renda ou por tempo “livre”?

Se o trabalho enseja o sentimento de dignidade ou utilidade, o desemprego, ao contrário, é sinônimo de inutilidade e de vergonha. Essas sensações são explicadas pela restrição do consumo e pela incapacidade em sentir-se integrado numa sociedade que reconhece e inclui pelo trabalho. Insiste-se: o trabalhador não precisa somente da renda ou de tempo livre, mas sim da liberdade de ter renda e desfrutar o tempo de não trabalho, mas a partir dele.

Portanto, a sedutora tese do tempo livre não encontra eco na realidade dos trabalhadores da cidade de Ponta Grossa: o trabalhador ponta-grossense quer trabalhar. Os resultados da realidade local não podem ser generalizados, embora sirvam de reflexão para outras questões e contextos.

O que pensar e como agir para resolver o impasse posto por duas realidades: de um lado, a de que o trabalhador quer trabalhar e, de outro, a de que não há trabalho para todos? Qual a resposta que a sociedade ou a classe trabalhadora terá ou forjará para enfrentar o desafio herdado do século XX: trabalhar ou não?

ABSTRACT

This text aims to comprehend, through a qualitative study, the meaning of work for employed and unemployed workers in Ponta Grossa on the threshold of the twenty-first century. Such consideration was prompted by the theses which advocate the end

of the labor society and its replacement for the free-time society, in which work supposedly would no longer be a central category in society. Workers' testimonies reveal, on the contrary, that work still carries a meaning that, beyond the income issue, remains a synonym for human achievement.

KEY WORDS

work, free time, unemployment

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, M. S. **Trabalhar ou não: eis a questão** - a perspectiva do trabalhador da cidade de Ponta Grossa no final do século XX. Ponta Grossa, 2001. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CARLEIAL, L. **Racionalidade e trabalho**: uma crítica inicial e temporária a André Gorz. Texto mimeografado

DE MASI, D. **Desenvolvimento sem trabalho**. 4.ed. São Paulo: Esfera, 1999.

_____. **O Futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: José Olympio; 1999.

FORRESTER, V.O **horror econômico**. São Paulo: Unesp, 1997.

GORZ, A. **Metamorfosis del trabajo**: búsqueda del sentido, crítica de la razón económica. Madri: Editorial Sistema, 1991

_____. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

HABERMAS, J. A nova intransparência. **Novos Estudos CEBRAP, São Paulo**, n.18, set/1987

IANNI, O . (Org.) **Karl Marx**: sociologia. 2.ed. São Paulo: Ática, 1980.

KURZ, R. **O Colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KURZ, R. A expropriação do tempo. **Folha de São Paulo**, 03 jan.1999.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MAAR, W. L.. Fim da sociedade do trabalho ou emancipação crítica do trabalho social? In: **Liberalismo e socialismo**: velhos e novos paradigmas. São Paulo: Editora Unesp, 1995. p.77-104

_____. A centralidade do trabalho social e seus encantos. In: FERREIRA, L. C. **A sociologia no horizonte do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 1997

MANDEL, E. Os Grundrisse ou a dialética do tempo de trabalho e do tempo livre. In: _____. **A formação do pensamento econômico de Karl Marx**: de 1843 até a redação de O capital. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARTINS, J. de S.(Org.) **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Contradição entre o fundamento da produção burguesa (medida-valor) e seu próprio desenvolvimento. Máquinas, etc. **Cadernos de Filosofia Alemã**, São Paulo, n.4, junho 1998. 80-88

_____. **O Capital**: crítica da economia política. 3.e.d São Paulo: Nova Cultura, 1988. v.1 e v.2.

_____. **Elementos fundamentais para la crítica de la economia política (Grundrisse) 1857-1858**. México: Siglo Veintiuno, 1986.

MIAGUSKI, E.; FERREIRA, L. M. P. Circunstâncias e coadjuvantes na interação social: o poder da vergonha. In: MARTINS, J. de S.(Org.) **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. 17- 30 p.

OFFE, C. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Trabalho & sociedade**: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da **sociedade do trabalho**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989.

PADILHA, V. **Tempo livre e racionalidade econômica**: um par imperfeito. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado), UNICAMP.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. **O trabalho sob fogo cruzado**: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 1999

RELATÓRIO Folha da utopia brasileira. **Folha de São Paulo**, 23 abr. 2000. Mais

RIFKIN, J. **O Fim dos empregos**: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books, 1995.

WAMBIER, J. de F. **Formação da individualidade humana**: uma história de necessidade e liberdade. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) - PUCRS, 1996.

WASSERMANN R. Dinheiro é mais valorizado que tempo livre. **Folha de São Paulo**, 7 jun 2000, mundo.